

A DISLEXIA NA ÓTICA DO PSICOPEDAGOGO

Cilene Knauf Lopes <ciknauf@yahoo.com.br>¹
Carmem Inêz de Oliveira <cbarbosa@ufv.br>²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é de compreender a concepção do profissional da área de Psicopedagogia sobre o termo dislexia, bem como as estratégias utilizadas para desenvolver o plano de trabalho psicopedagógico com clientes disléxicos. Utilizou-se como fundamentação metodológica a abordagem de pesquisa qualitativa. A dislexia é um dos vários distúrbios de aprendizagem relacionado à leitura e à escrita que deve ser diagnosticado por uma equipe multidisciplinar. O disléxico precisa de acompanhamento no seu processo de aprendizagem. A concepção de dislexia das psicopedagogas participantes desta pesquisa ressoam a definição dada pelos autores, pelas instituições e pelos órgãos que estudam este distúrbio de aprendizagem pouco conhecido.

Palavras chave: Psicopedagogia, dislexia, fracasso escolar, ciência.

INTRODUÇÃO

Muitos alunos são reprovados no sistema escolar e outros evadem por apresentarem dificuldades de aprendizagem. A linguagem é fundamental para o sucesso escolar, pois está presente em todas as disciplinas e todos os professores são potencialmente professores de linguagem, porque utilizam a língua materna no processo ensino-aprendizagem.

Dentre várias dificuldades de aprendizagem associadas ao insucesso da vida estudantil, a dislexia se destaca por estar relacionada à leitura e à escrita, que são fundamentais no processo de aprendizagem.

A dislexia é um dos vários distúrbios de aprendizagem que merece estudos para que haja uma efetiva ação psicopedagógica com o objetivo de diminuir seus sintomas.

Segundo GONÇALVES (2006) a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que envolve áreas básicas da linguagem, podendo tornar árduo esse processo, porém, com acompanhamento adequado, a criança pode redescobrir suas capacidades e o prazer de aprender.

O psicopedagogo é um dos profissionais que faz parte do grupo multidisciplinar de avaliação da dislexia, logo, é relevante focar o estudo na concepção psicopedagógica, pela sua importância na instituição escolar, bem como na avaliação diagnóstica e no tratamento de alunos disléxicos.

A Psicopedagogia trabalha e estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, contribuindo na recuperação das habilidades cognitivas, emocionais, sociais, visando o sucesso nos diversos contextos em que atua.

O desenvolvimento de uma pesquisa sobre o fracasso escolar e a dislexia bem como o interesse em aprofundar estudos na área da psicopedagogia motivaram a realização deste estudo.

METODOLOGIA

Este estudo desenvolveu-se fundamentado na pesquisa qualitativa que se apresentou adequada, tendo em vista que essa abordagem realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões e as atitudes dos

¹ Psicopedagoga formada pela Faculdade de Viçosa – FDV – Viçosa/MG

² Mestre em Educação pela UFJF, Graduada em Pedagogia pela UFRV e Professora da FDV.

sujeitos e se caracteriza pela tentativa de compreensão de significados e características do objeto de estudo, bem como dos entrevistados. Utilizou-se a revisão bibliográfica e a pesquisa de campo.

Para compor a pesquisa de campo, foram resgatados dados concretos, utilizando a entrevista informal e o questionário com três profissionais da área de psicopedagogia³ que atuam no município de Viçosa. Esses instrumentos facilitaram a compreensão e análise das concepções das profissionais sobre dislexia bem como seus planos de trabalho com clientes disléxicos.

A EVOLUÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA

De acordo com GRIZ (2007), os primeiros teóricos que pesquisaram os problemas de aprendizagem são originários da Europa do século XIX. Quem primeiro se deteve no estudo desses problemas foram os filósofos, os médicos e os educadores.

A literatura francesa idéias de autores como Jacques Lacan, Maud Manoni, Françoise Dotto, Julián de Ajuriaquerra, Pierre Vayer, Pichón-Rivière, Janine Mery, dentre outros, influenciaram a Psicopedagogia na Argentina, que se destacou como base na práxis psicopedagógica brasileira (BOSSA, 1994; ARAÚJO, 2007; MALUF, 2006).

De acordo com BOSSA (1994), o primeiro centro médico-psicopedagógico estava localizado na França, cujo fundador foi George Mauco. Neste centro havia uma articulação entre vários profissionais de diversas áreas de conhecimento, como a Medicina (psiquiatra, neuropediatra e pediatra), a Psicologia, a Psicanálise e a Pedagogia com o objetivo de encontrar soluções para os problemas de aprendizagem.

Segundo GRIZ (2007), a França, sendo pioneira nos estudos, leva para a Argentina seus aportes teóricos sobre o tema da problemática escolar. A autora destaca que não foi apenas a literatura que os argentinos exportaram para o Brasil, mas também profissionais da área de psicopedagogia que vieram para cursar Pós-Graduação e acabaram trabalhando como psicopedagogos. Argentinos e brasileiros começam a partir daí a firmar a Psicopedagogia no Brasil.

A Argentina importou o modelo da França e o Brasil por sua vez adotou a metodologia argentina, talvez pela proximidade dos dois países ou talvez pela facilidade de ter em nosso território profissionais em psicopedagogia com grande conhecimento na área como Sara Paín, Alicia Fernández, Marina Muller e Jorge Visca.

Segundo BOSSA (1994) a Psicopedagogia surgiu pela necessidade de solucionar as questões dos problemas de aprendizagem. No final da década de 70, surgiram os primeiros cursos de especialização em Psicopedagogia no Brasil, idealizados para complementar a formação dos psicólogos e de educadores que buscavam soluções para esses problemas.

O movimento da Psicopedagogia no Brasil remete ao período militar e seu histórico a influência argentina (BOSSA, 1994; SANTOS, 2007; ARAÚJO, 2007). O período ditatorial é marcado por práticas de

³ Além da formação psicopedagógica essas profissionais também possuem outras especialidades: uma delas é psicóloga clínica e atende em clínica particular. A outra, além de psicopedagoga é formada em Economia Doméstica, é mestre na sua formação, especialista em educação e atende particular e numa entidade filantrópica (APAE) da cidade. A terceira é especialista em psicopedagogia e mestre em educação.

repressão à liberdade de expressão onde diversos intelectuais eram vistos como inimigos políticos cujo destino era a prisão, a morte ou o exílio. É nesse contexto que a Psicopedagogia ganha espaço no cenário brasileiro trazida pelos exilados argentinos “enquanto prática gestada no silêncio e isolamento, na impossibilidade de expressão do pensamento, na fala ou na escrita” (ANDRADE, 2004, p. 3).

RUZZI (2007), também salienta que o processo histórico da Psicopedagogia no Brasil encontra seu lugar somente no final da década de 70 e início da década de 80, juntamente com os profissionais que atuavam com problemas de aprendizagem, principalmente nas áreas de leitura e escrita. Nessa época, a expressiva demanda pela Psicopedagogia foi provocada em virtude do elevado índice de evasão escolar e repetência, principalmente na escola pública. Para SANTOS (2007) eles também foram idealizados para complementar a formação dos psicólogos e de educadores que buscavam soluções para os problemas de aprendizagem.

SANTOS (2007) destaca que em 1979 foi criado o primeiro curso regular de Pós-Graduação em Psicopedagogia, no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, iniciativa da pedagoga e psicodramatista, Maria Alice Vassimon e da diretora do Instituto Madre Cristina Sodré Dória.

MALUF (2006) afirma que um grupo de pedagogas liderado por Leda Barone e Edith Rubinstein participou do primeiro curso de psicopedagogia oficial de São Paulo, no Instituto Sedes Sapientie. Depois de concluído esse curso de especialização, saíram de lá com a idéia de fundar uma associação porque perceberam que haviam muitos profissionais com formação em cursos livres de psicopedagogia e que precisavam ser reunidos em torno do estudo e da divulgação nessa área.. Na visão de BEYER (2007), apesar dos estudos referentes à Psicopedagogia no Brasil terem uma história de aproximadamente 30 anos, dos quais inicialmente dedicados à pesquisa (em forma de grupos de estudos), sobre a prática educacional, foi nos anos 90, que estes cursos proliferaram tendo nas Regiões Sul e Sudeste a maior demanda de especialização e trabalhos realizados.

DISLEXIA – O QUE DIZ A CIÊNCIA?

A palavra dislexia é derivada de dis=distúrbio ou disfunção e lexia que em grego quer dizer linguagem e em latim, leitura. Portanto, dislexia é um distúrbio de linguagem e/ou de leitura (ALMEIDA, 2005; PECCHIORE, 2005; MARTINS, 2004; PAGENOTTO, 2005). A criança disléxica é um mau leitor, ou melhor, é capaz de ler, mas não é capaz de entender eficientemente o que lê.

A dislexia é uma disfunção genética caracterizada por uma falha no funcionamento do processamento da linguagem, ou seja, uma dificuldade de estabelecer associações entre sinais gráficos (grafemas) e os sinais auditivos (fonemas). É um dos muitos distúrbios da aprendizagem identificados, em geral, na fase de alfabetização. A dislexia não é considerada doença, portanto não se pode falar em cura, mas pode ser controlada com acompanhamento especializado. Em hipótese alguma o disléxico tem comprometimento intelectual. É um distúrbio congênito e hereditário (ALMEIDA, 2005; PECCHIORE, 2005; MARTINS, 2004, PAGENOTTO, 2005).

Algumas teorias tentam explicar sua origem, no entanto não existe um consenso no que diz respeito à causa da dislexia.

BERGAMO (2005) traz considerações mostrando que a ciência ainda tem muito a descobrir sobre a dislexia. Sabe-se que trata de um problema de ordem genética, mais comum entre os meninos. A hipótese mais aceita para sua origem é a de que o distúrbio começa a se estabelecer ainda durante o processo de formação cerebral. Entre a 20^a e 23^a semana de gestação, neurônios migram do núcleo para a periferia do cérebro do feto. Nos disléxicos, alguns neurônios se perderiam no caminho, comprometendo as áreas cerebrais envolvidas no processamento da linguagem. Por isso, o cérebro dos disléxicos seria menos especializado para decifrar e ordenar letras e números, para a orientação espacial e para capacidades motoras finas e grossas, como desenhar e chutar bola. Não se inventou nada capaz de recuperar essas funções.

Segundo a autora, há um estudo de pesquisadores finlandeses que consiste no acompanhamento da atividade elétrica do cérebro mediante estudos sonoros, utilizando-se sílabas. Os pesquisadores acompanharam dois grupos de crianças: metade com histórico familiar de dislexia e a outra metade não. Todas foram examinadas quatro vezes: a primeira, ao nascer, e a última aos cinco anos. Com este estudo, os pesquisadores conseguiram determinar padrões de resposta cerebral para aquelas propensas em desenvolver dislexia e para as que não correm esse perigo. Tal estudo poderá ser utilizado para identificar precocemente crianças com alta propensão em apresentar dislexia, colaborando para que elas possam iniciar um tratamento livrando-as dos constrangimentos que poderiam ser evidenciados na idade escolar.

A FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (2004) defende que pesquisadores têm enfatizado que a dificuldade de soletração é um sintoma muito forte da dislexia. Há o resultado de um trabalho recente que quanto maior a capacidade de leitura da criança, melhor ativação ela mostra em uma específica área cerebral, quando envolvida em exercício de soletração de palavras. Esses pesquisadores usaram a técnica de Imagem Funcional de Ressonância Magnética, que revela como diferentes áreas cerebrais são estimuladas durante atividades específicas. Essa descoberta enfatiza que essa região cerebral é a chave para a habilidade de leitura, conforme sugerem esses estudos. Essa área, localizada atrás do ouvido esquerdo, é chamada região occipito-temporal esquerda. Cientistas advertem que essa tecnologia não pode ser usada para diagnosticar dislexia. Esses pesquisadores ainda esclarecem que crianças disléxicas mais velhas mostram mais atividade em uma diferente região cerebral do que os disléxicos mais novos. O que sugere que essa outra área assumiu esse comando cerebral de modo compensatório, possibilitando essas crianças conseguir ler, porém com grande esforço.

IANHEZ e NICO (2002) descrevem que as pesquisas realizadas sobre as atividades cerebrais em um disléxico indicam que há uma diferença mínima no padrão de organização das células nervosas do cérebro. Há também outra hipótese, a de alterações genéticas nos cromossomos 2, 6 e 15. No entanto, pesquisas mais recentes, realizadas por cientistas americanos, identificaram o gene relacionado à dislexia, distúrbio que interfere no aprendizado da escrita e da leitura, localizado no cromossomo 6. Esse gene foi batizado por DYX2. Essa descoberta vem reforçar as comprovações sobre a tese de que a dislexia é de origem genética.

MARTINS (2005) esclarece que a descoberta do gene e de seu funcionamento é de extrema importância para a pedagogia da leitura e da escrita. Para a pediatria e/ou a neurologia a intervenção médica será reorientada e o auxílio dos professores de crianças disléxicas será para a intervenção pedagógica, de forma individual, precisa e eficaz, no processo de aprendizagem da leitura e escrita. O autor espera que a

lingüística se transforme em uma biotecnolingüística⁴ em que a dificuldade de leitura e escrita não seja mais chamada de dislexia e sim, de desordem genética.

A CONCEPÇÃO DO PSICOPEDAGOGO SOBRE DISLEXIA

Na pesquisa de campo foram entrevistadas três psicopedagogas que atuam em clínicas em Viçosa, Minas Gerais. Quando perguntadas sobre o que é dislexia, cada uma respondeu de acordo com a sua concepção.

A Psicopedagoga “A” respondeu de forma mais objetiva à pergunta, definindo como sendo um distúrbio no processamento da linguagem. A entrevistada “B” faz uma referência ao autor Ajuriaguerra⁵ associando à faixa etária da criança com potencialidade a dislexia. Ela deixa claro que depende do meio em que vive, do estímulo que recebe e do tempo de trabalho sistemático desenvolvido em leitura e escrita. Já a entrevistada “C” foi mais completa em sua resposta, levando em consideração a hereditariedade pelo fato de ser uma síndrome de origem genética. Ela também destaca a importância do diagnóstico precoce, principalmente se houver caso na família e finaliza citando as dificuldades de aprendizagem associadas à dislexia.

Segundo FREITAS (2006) a psicopedagogia entende a dislexia como um distúrbio do processo de aprendizagem, principalmente no período da aquisição da leitura e da expressão escrita.

Para GONÇALVES (2006) os adjetivos mais comuns que são nomeados os disléxicos são: preguiçoso, desligado e desorganizado, fazendo parte de seu dia-a-dia e marcando a sua vida. Nos consultórios psicopedagógicos é muito comum o disléxico chegar com baixa auto-estima devido à vivência de múltiplos insucessos escolares.

Dificuldades na leitura e na escrita, letra ruim, troca de letras, lentidão caracterizam esse distúrbio de aprendizagem. São crianças inteligentes que não são providas de habilidades específicas de leitura e escrita, porém são ótimas na oralidade, no esporte e em várias atividades no contexto escolar.

PLANO DE TRABALHO PSICOPEDAGÓGICO PARA DISLÉXICOS

De acordo com FREITAS (2006) a intervenção psicopedagógica tem para o disléxico um caráter de urgência, na reintegração de seu mundo (escola, família, sociedade) como alguém responsável e competente.

Observa-se que todas as psicopedagogas possuem planos de trabalho psicopedagógico que focam as necessidades primordiais dos disléxicos, compatível com as orientações dos autores estudados.

As entrevistadas “A” e “B” focam o trabalho na aprendizagem da leitura. A profissional “A” destaca o desenvolvimento das habilidades e o ensino multissensorial. Já a psicopedagoga “B” valoriza o contexto do disléxico, deixando claro que o plano de trabalho psicopedagógico é específico para cada caso. Cada diagnóstico necessita de um trabalho diferenciado, ou seja, cada caso é diferente, mesmo se tratando do

⁴ Nomenclatura utilizada pelo autor para designar a ciência que une a vida, a tecnologia e a lingüística, para o tratamento da dislexia.

⁵ AJURIAGUERRA Julián e colaboradores. **A dislexia em questão** - dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

mesmo distúrbio: a dislexia. Isso também foi identificado na resposta da psicopedagoga “C” que diz ter como base o diagnóstico para elaborar o plano de trabalho com clientes disléxicos. Ela também valoriza o plano individual acompanhado por uma equipe multiprofissional. Procura trabalhar de forma lúdica com o que o cliente mais gosta, motivando sua auto-estima. Prima também pelo trabalho sistêmico⁶ compartilhado com a família e a escola.

Segundo FREITAS (2006, p.1) a atuação do psicopedagogo é uma busca constante ladeada por diversos teóricos, visando maior capacitação e compreensão do cliente/paciente disléxico. Essa busca de técnicas e estratégias de trabalho visa o que mais fará sentido ao disléxico; “objetiva em suas sessões conhecer, entender e esclarecer o mecanismo manifesto junto dele, seja através de jogos, de vivências e de discussões de temas pertinentes, buscando e permitindo o conhecimento”. A abordagem de trabalho associa o estímulo e o desenvolvimento através de métodos multissensoriais, que partem da linguagem oral à estruturação do pensamento, da leitura espontânea à discussão temática, da elaboração crítica e gerativa das idéias à expressão escrita, incorporando o processo da aprendizagem.

Faz-se necessário compreender não apenas o porquê da não aprendizagem, mas o que aprender e como se desenvolve este processo. Deve-se também valorizar o conhecimento do aprendente, valorizando a sua auto-estima, trabalhando com procedimentos específicos e individualizados em cada atendimento.

A responsabilidade e seriedade do trabalho psicopedagógico com clientes disléxicos, faz com que muitos alunos propensos ao fracasso escolar sejam resgatados, através de um plano de trabalho individualizado e comprometido com o sucesso em todos os âmbitos: escolar, emocional e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Psicopedagogia, embora recente, contribui muito com pesquisas que envolvem teoria e prática, comprometida com diversas áreas do conhecimento e do ser humano, especialmente nas dificuldades vivenciadas no processo de ensino-aprendizagem.

A Psicopedagogia estuda o processo do conhecimento humano, o aprender e o não aprender, centrado no indivíduo como ser único, com características e necessidades particulares para a intervenção psicopedagógica.

A diversidade de atuação do psicopedagogo justifica a sua importância no mercado de trabalho, seja na atuação clínica ou institucional, que abrange as escolas, hospitais ou empresas.

A dislexia tem sido conceituada como um distúrbio, congênito e hereditário, de aprendizagem caracterizado por uma falha no funcionamento da linguagem, ou seja, estabelecer associações entre sinais gráficos (grafemas) e os sinais auditivos (fonemas). A dislexia é identificada geralmente na fase da alfabetização. A ciência está contribuindo muito para que se possa fazer o diagnóstico mais precoce, mesmo antes da criança ir para a escola.

Analisando a concepção de dislexia do psicopedagogo e seu plano de trabalho percebe-se que a atuação desses profissionais é de suma importância tanto no diagnóstico quanto nas atividades facilitadoras da aprendizagem com disléxicos. As entrevistadas se mostraram afinadas com a teoria atual sobre a dislexia

⁶ Abordagem científica dos sistemas políticos, econômicos, sociais, etc., que focaliza todo problema como um conjunto de elementos em relações mútuas (Grande Enciclopédia Larousse Cultural).

e com as definições dadas por pesquisadores, pelas instituições e pelos órgãos que estudam este distúrbio de aprendizagem.

As diferentes estratégias utilizadas pelas psicopedagogas no plano de trabalho com clientes disléxicos expressam em sua essência o que os pesquisadores vêm discutindo no campo da dislexia. Chegaram a um consenso sobre a importância de se proporcionar suporte ao disléxico para melhorar o seu desempenho escolar, com atividades focadas em leitura, escrita e fonética, desenvolvendo habilidades em uma reeducação multissensorial e trabalhando a sua auto-estima, a sua auto-confiança, valorizando suas potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Márcia Siqueira de. Rumos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia: análise crítica do surgimento da psicopedagogia na América-Latina. **Cadernos de psicopedagogia**, São Paulo, v.3, n.6, jun. 2004.

ALMEIDA, Marina S. Rodrigues. **Dislexia**. Disponível em: <<http://www.hebron.com.br>>. Acesso em 14 de setembro de 2005.

ARAÚJO, Simaia S. M. M. de Araújo. **Breve histórico da Psicopedagogia**. Disponível em: <<http://www.simaiapsicopedagoga.ubbihp.com.br>>. Acesso em: 02/02/2007.

BERGAMO, Giuliana. Neurônios à deriva. **Revista Veja**. São Paulo, n.1.907, p.104-105, 1º de jun. 2005.

BEYER, Marlei Adriana. **Psicopedagogia: ação e parceria**. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br>>. Acesso em 06/03/2007.

BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FREITAS, Tânia Maria de Campos. **Tratamento psicopedagógico do jovem disléxico**. Acesso em: 05 de dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>.

FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **Dislexia**. Disponível em: <<http://www.dislexia.com.br>>. Acesso em: 15 de agosto de 2004.

GRIZ, Maria das Graças Sobral. **A psicopedagogia em Recife**. Acesso em: 03 de fevereiro de 2007. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br>>

GONÇALVES, Áurea Maria Stavale. **A criança disléxica e a clínica psicopedagógica**. Acesso em: 05 de dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo : Alegro, 2002.

MALUF, Maria Irene. **A psicopedagogia no Brasil**. Disponível em: <<http://www.aprendaki.com.br>>. Acesso em 05 de dezembro de 2006.

MARTINS, Vicente. **Professor aponta Dislexia como maior causa do fracasso escolar**. Disponível em: <<http://www.dislexia.hpg.com.br>>. Acesso em 15 de agosto 2004.

_____. **Educação especial, dislexia e gafes lingüísticas**. Disponível em <<http://www.educacaoonline.pro.br>>. Acesso em 23 de agosto de 2005.

PAGENOTTO, Maria Lígia. **Dislexia**. Disponível em: <<http://www.unifesp.br>>. Acesso em: 16 de agosto de 2005.

PECCHIORE, J. J. de Oliveira. **Dislexia e inclusão escolar**. Disponível em: <<http://www.sobrei.org.br>>. Acesso em 14 de setembro de 2005.

RUZZI, Ana Carolina. **A psicopedagogia na educação infantil: olhando singularmente a criança de dois a seis anos**. Disponível em: <<http://nourau.smarcos.br>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2007.

SANTOS, Adilma Souza (et.al.). **O lúdico e a psicopedagogia**. Disponível em: <<http://www.faced.ufba.br>>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2007.